

Horizontes do Jornalismo: Formação superior, perspectivas teóricas e novas práticas profissionais. KISCHINHEVSKY, Marcelo, IORIO, Fabio Mario, VIEIRA, João Pedro Dias (org.). Rio de Janeiro: Ed. E-Papers, 2011. 225p.

Adriana Gomes Ribeiro¹

Nunca a atividade e conteúdos jornalísticos tiveram tanta circulação como nesse momento de “consolidação da internet e da explosão das mídias sociais”, no entanto, a institucionalidade da profissão está abalada. Com esta afirmação os organizadores de *Horizontes do Jornalismo* apresentam a coletânea de artigos que aborda alguns dos desafios do jornalismo e da formação do jornalista na atualidade.

A coletânea é fruto de textos e discussões do 5º Encontro Rio-Espírito Santo de Professores de Jornalismo, realizado em 27 de maio de 2011, na Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). No encontro, 30 trabalhos foram apresentados; desses, 13 estão publicados no livro – todos textos de professores da graduação e pós-graduação em Comunicação de universidades do Estado do Rio de Janeiro.

O mote do evento que gerou o livro era “a formação superior como elemento constituinte e legitimador do campo do jornalismo”. A discussão remetia à decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 2009, que extinguiu a exigência do diploma para o exercício da profissão de jornalista. Esta medida, ainda em vigor, está sendo revista pelo Senado. Para a professora Mirna Tonus, que escreve o prefácio do livro, a decisão do STF “colocou em xeque a legitimidade de um campo de formação superior que está em construção desde 1947, quando da criação dos cursos na Faculdade Casper Líbero (...)”. Mirna aponta que esse movimento contribuiu para a elaboração de uma nova proposta de diretrizes para a formação em jornalismo junto ao Conselho Nacional de Educação. Havia a necessidade de novas diretrizes?, pergunta Mirna, e responde: “Se pensarmos nas mudanças pelas quais passou o jornalismo durante esses anos, especialmente na última década, podemos afirmar que sim”. É sobre essa perspectiva, da necessidade de novos olhares e diretrizes para a prática e a formação do jornalista, que boa parte dos artigos publicados nesta coletânea se debruça.

Os artigos foram divididos em três capítulos: *Jornalismo em perspectiva; Entrelinhas e Experiências e Intervenções*. No primeiro capítulo, três artigos apresentam considerações sobre a prática e a formação do jornalista, levantando questões sobre o mercado de trabalho, o ensino e a pesquisa. O segundo capítulo, com quatro artigos, aborda estudos de caso do jornalismo contemporâneo e discute a produção de informação que convive com o cenário e lógicas da indústria cultural, da cultura de massas e da sociedade do espetáculo. O último capítulo, dedicado a experiências e intervenções, apresenta um maior número de trabalhos, seis artigos, voltados, em sua

¹ Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Mídia (Grupem/PUC-Rio), é mestre em Comunicação, Educação e Cultura em Periferias Urbanas pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ) e jornalista formada pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Email: gomesribeiroadriana9@gmail.com.

maioria, a pensar questões a partir da prática docente. Três desses artigos abordam interessantes possibilidades de redefinição de práticas da profissão a partir das atividades de extensão ou laboratoriais dos cursos de comunicação.

Beatriz Becker, abrindo a coletânea, reflete sobre “reconfigurações das mediações jornalísticas e suas relações com a pesquisa e o ensino”. A autora chama a atenção para alguns problemas enfrentados pelos profissionais da mídia, tais como a tênue fronteira entre jornalismo e assessoria de imprensa; a fusão entre notícia, entretenimento e publicidade; o imediatismo e instantaneidade da notícia. Para ela, há a “necessidade de construir perspectivas capazes de concretizar um ensino inovador e independente que não seja apenas reprodutor de valores e ideias dos sistemas de mídias tradicionais (...)”. Entendendo a internet e as redes sociais como potencialmente benéficas em relação a cidadania e a democracia, acredita que, nesse momento, “a necessidade de qualificação da formação e do trabalho jornalísticos é reafirmada”. Ainda que o profissional tenha perdido o *status* de principal fonte de notícias, para Becker, justamente pelo grande volume de informações a que estamos submetidos, “maior é a necessidade de intermediários capazes de filtrar, organizar, priorizar dados e conteúdos”.

João Batista de Abreu procura apresentar as novas práticas profissionais numa era de convergência de mídia, atentando para exemplos do jornalismo impresso e *online*. O autor lembra que o modelo de negócios da imprensa escrita está ameaçado, e uma das consequências dessa ameaça é que, “cada vez mais (...) os editores são estimulados a explorar temas e enfoques de maior apelo, sem levar em conta o valor-notícia”. Caminhando na contramão desse cenário, uma outra perspectiva para a prática do jornalista seria “aprofundar as questões do cotidiano (...) Deixar de lado o noticiário factual e enfatizar os *features*”. Mas, para ele, não é isso o que ocorre no dia-a-dia das redações, onde a velocidade de apuração se “aproxima ao ritmo das agências internacionais de notícias”, a jornada se tornou mais intensa e “o repórter trabalha simultaneamente para várias mídias”. Procurando problematizar ideias de democratização associadas à internet e ao jornalismo colaborativo, o autor chama a atenção para o fato de que ainda são poucos os que controlam o fluxo informativo, e esse controle ainda está associado a “interesses políticos e econômicos dos países hegemônicos”, dado que, segundo ele, os adeptos da mídia livre e do jornalismo colaborativo ainda não levam em conta.

Leise Taveira dedica seu texto a tecer contrapontos teóricos à decisão do Supremo Tribunal Federal em relação à inexigência do diploma para o exercício da profissão de jornalista. Para ela, a decisão do STF se baseia na teoria do espelho, de base positivista, que “procura definir o jornalista como um observador desinteressado que se limita a reportar a realidade, como se fosse o reflexo de um espelho”. Entendendo que esta teoria é anacrônica, Taveira busca outros referenciais teóricos para dialogar com os conceitos de jornalismo com os quais trabalhou o relator do voto vencedor, procurando também verificar o tratamento dado por outras fontes jurídicas ao assunto. A autora dialoga então com conceitos e proposições de Traquina, Berger e Luckmann e Muniz Sodré, entre outros. Taveira reafirma a necessidade do diploma para o profissional, pleiteando que, quanto mais qualificado, mais capaz ele será de tratar a informação de maneira completa e polifônica, portanto, democrática.

O artigo de **Nemézio Amaral Filho** abre o capítulo intitulado *Entrelinhas*. Este trabalho analisa notícias publicadas no *The New York Times*, *Le Monde*, *G1* e *Época* sobre a morte do terrorista Osama Bin Laden. O autor argumenta que os grandes veículos jornalísticos apresentaram

o ocorrido com o que chama de “*discurso do assassinato justificável*”; a partir daí, propõe algumas questões sobre a mídia jornalística brasileira. Para Nemézio, a naturalização desse “assassinato seletivo” “foge do escopo deontológico dos códigos de ética que procuram gerir o jornalismo enquanto ofício”. Tentando pensar uma ideia de “cidadania internacional”, em certo ponto o autor pergunta como “o mundo foi preparado para aceitar este discurso (...)?”. Uma das abordagens que faz é em relação à aproximação de ficção e realidade: séries de TV e indústria cinematográfica preparariam o terreno para a aceitação sem questionamentos de estereótipos do mal – caso do tratamento dado a Bin Laden. Ressaltando a importância da distinção entre jornalismo e entretenimento, o artigo termina com um apelo a uma formação profissional para o jornalista que seja “ética holística, muito além dos códigos deontológicos”. Segundo Nemézio, os professores de Jornalismo precisam se reciclar humanisticamente, de maneira que possam garantir a formação de um novo profissional: “o cidadão-jornalista, que o mundo midiático precisa com urgência”.

Leonel Azevedo de Aguiar e Luisa Prochnik dão sequência ao capítulo *Entrelinhas* com outro estudo de caso, no qual levantam questões metodológicas da teoria do *newsmaking*. Os autores adaptaram a metodologia de Nelson Traquina para verificar a hipótese de que “critérios de noticiabilidade permanecem iguais, mesmo em coberturas jornalísticas feitas por diferentes países”. Para testar essa hipótese, compararam, durante o período da Copa do Mundo em 2010, notícias sobre o cotidiano da Seleção Brasileira em três websites, originários da América do Norte (*Sports Illustrated*), da Argentina (*Olé.com*) e do Brasil (*Lancenet!*). Os autores consideraram que a metodologia adotada na pesquisa mostrou-se adequada, e concluíram ter encontrado os mesmos valores-notícia nos sites jornalísticos pesquisados.

A notícia e sua relação com a indústria cultural e com a simulação midiática do espetáculo são os temas de que trata o artigo de **Fabio Mario Iorio**. O autor procura mostrar que o “fenômeno da mídia” diferente de ser um “mero resultado do avanço tecnológico”, se inscreve “no lugar central do ordenamento do necessário do Capitalismo vigente”. Apoiado em leituras de autores como Adorno e Horkheimer, Iorio discute o lugar de produção das notícias – que fazem nascer a realidade cotidiana –, problematizando seu potencial democrático: se a versão cultural dominante vem da Mídia, como se conformar com uma ideia de isenção e neutralidade? No artigo de Iorio, ainda são os problemas do século XX os que assombram a prática do jornalista.

Alexandra Aguirre encerra o segundo capítulo, também problematizando aspectos da comunicação de massas e da produção de informação, mas sugere que a reinvenção do jornalismo passa “pela mudança no uso das tecnologias, da comunicação de massa às tecnologias interativas”. Alexandra se pergunta sobre diferenças históricas de tecnologias de comunicação: entre, por exemplo, os meios massivos e a comunicação mediada por computador. Opta por discutir essas questões, problematizando ideias de mensagem hegemônica à luz de três autores que pensaram a recepção aos meios de massa de uma perspectiva não homogênea: Jesús Martín-Barbero, Alessandra Aldé e Carlos Eduardo Lins da Silva.

O terceiro e último capítulo, intitulado *Experiências e Intervenções*, apresenta reflexões provocadas por práticas de extensão e laboratoriais levadas a cabo nos cursos de Comunicação da UERJ (laboratório de produção radiofônica e projeto de extensão em jornalismo comunitário no Morro dos Macacos) e da UFRJ (laboratório de *webcomunicação*), e também reflexões suscitadas pela prática docente. Uma exceção é o artigo de Ana Lúcia Vaz, que propõe repensar a profissão e a formação do jornalista a partir de uma experiência de cobertura, acompanhamento de notícias e da

observação do cotidiano de uma favela que sofreu desabamentos em virtude das fortes chuvas no Rio, em abril de 2010.

Marcelo Kischinhevsky discute resultados das atividades e da circulação dos conteúdos produzidos no Laboratório de Áudio da FCS/UERJ – AudioLab. O projeto se preocupa em não ser apenas um espaço para aquisição de competências técnicas em relação à produção de programas para o rádio, mas também criar “um espaço para a reflexão acadêmica sobre a mídia sonora”, que passa por uma nova etapa – a das plataformas digitais. Para Kischinhevsky, com as plataformas digitais a circulação de conteúdos ganha novo sentido. Esta percepção levou o AudioLab a postar os conteúdos que produz em *websites* colaborativos, caso do Radiotube. Acessível nas mídias sociais, esse novo fazer radiofônico foi batizado de *rádio social* pelo autor. Kischinhevsky tem apostado na possibilidade das atividades laboratoriais serem também uma forma de intervenção do futuro jornalista na realidade social, oferecendo contrapartidas à comunidade em que estão inseridos.

Cristina Rego Monteiro da Luz inicia seu artigo com uma constatação: “o ensino do jornalismo digital (...) desafia”. Ao longo do texto a autora apresenta aspectos desse desafio, que vão desde a falta de referenciais didáticos, até questões que dizem respeito à mentalidade do “professor analógico” frente aos “alunos digitais”, ou ainda à falta de equipamentos. A partir dessa constatação, Cristina narra uma bem sucedida experiência laboratorial que auxiliou a superação de alguns desses desafios: a criação do “F5” – Laboratório de Webcomunicação. A ideia da criação do laboratório partiu de alunos do curso de publicidade da Escola de Comunicação da UFRJ, que se tornaram monitores. Uma das conquistas dessa experiência foi proporcionar um espaço de aprendizagem no qual “a hierarquização básica de percepção do professor como fonte referencial do conhecimento a ser repassado foi substituída pelo conjunto de experiências de cada um dos quatro monitores”. Para ela a experiência com o “F5” mostrou que propostas experimentais são grandes ferramentas “para estabelecer uma prática menos engessada na forma de construir relações de aprendizagem em ambiente acadêmico”. Os encontros no laboratório, mais do que ensinar técnicas, estimulam a criatividade. É a partir da necessidade, forjada pela criação, que as técnicas são aprendidas.

Luiza Mariani faz um relato do Projeto de Extensão da Faculdade de Comunicação Social da UERJ intitulado *Jornalismo Comunitário no Morro dos Macacos*. Este projeto, que teve início no ano 2000 e durou sete anos, promoveu oficinas de jornalismo para adolescentes e crianças, formando turmas com idades diversas (13 a 16 anos; 10 a 11 anos; 15 a 17 anos). Segundo Luiza, algumas das crianças permaneceram por mais de cinco anos na oficina. As atividades oferecidas eram semanais e a proposta de trabalho se pautava em reflexões de Cornelius Castoriadis e Paulo Freire. Assim, a rotina do meio ambiente e a vontade dos alunos determinava a condução do ensino de noções do texto jornalístico, este referenciado por autores como Nilson Lage e Mário Erbolato. Luiza destaca que uma das conquistas do projeto foi “o aprendizado que a comunidade ofereceu à professora e estagiários, durante o estreito contato mantido”. Outra conquista foi a criação da Agência de Notícias Nova Vila (Anvi), em 2002, concebida e gerida pelos participantes da oficina.

Ana Lucia Vaz faz uma crítica à atuação do profissional de jornalismo e propõe repensar sua formação, estimulada por uma experiência que vivenciou, ao cobrir o cotidiano de uma favela atingida pelas chuvas em 2010. Para Ana, a legitimação do jornalismo como profissão depende de um novo perfil profissional “mais voltado à escuta dos sujeitos sociais, capaz de contribuir para a redução das distâncias e da violência social”. Essa constatação se deveu à observação do

descompasso entre o que apurou, em suas idas à comunidade atingida, e a cobertura feita pelos jornais impressos – que, segundo ela, contavam uma história distorcida, ignoravam informações indispensáveis e exageravam outras. O pouco interesse dos moradores pelo que falavam deles no jornal fez a autora pensar na impossibilidade que tinham de se “reconhecer nos veículos de massa”. Daí a necessidade de se rever o perfil do profissional de jornalismo, que deve estar apto à escuta do outro, recriando seu lugar de mediador social.

Soraya Venegas Ferreira e Milton Júlio Faccin levantam, em seu artigo, uma discussão pertinente a diversos segmentos e áreas de ensino: o plágio – assunto e questão presentes em sua prática como docentes, principalmente das disciplinas que orientam os trabalhos finais do Curso de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá. Os autores ressaltam que, com o surgimento da internet, se acentua a crise do conceito de autoria e o plágio se torna um assunto crônico. Para eles, “o aluno que comete plágio contribui para que as ideias percam seus vínculos históricos, abortando-as da grande teia de conhecimento humano que as deu origem”. Ao longo de seu texto, os autores apresentam digressões sobre a questão da autoria, além de tratar das sutilezas, implicações jurídicas e tentações do plágio.

O último artigo da coletânea, de **Angela de Faria Vieira**, também é fruto de reflexões suscitadas pela prática docente. Ministrando os cursos *Teorias do Jornalismo e Mídia, Educação e Cultura*, Angela se deparou com questões como o poder do jornalista e a necessidade da formação de um agente social “comprometido com um trabalho de valor comunitário”. Essas e outras questões foram trabalhadas nos cursos com o auxílio de uma bibliografia composta por Nelson Traquina, Pierre Bourdieu, Eric Hobsbawm e Ismar Soares, entre outros, e na dimensão de operar a partir de uma abordagem transversal do ponto de vista epistemológico e metodológico.

Discutindo mercado, formação e novos desafios para a prática do jornalismo, o livro se mostra não um receituário, mas um excelente ponto de partida para se reavaliar tanto o cotidiano da atuação profissional como os currículos e metodologias das graduações em jornalismo.